Um país com menos filhos e mais idosos

O censo demográfico faz um retrato da sociedade brasileira e revela suas principais características, avanços, problemas e desafios

Por **Mariana Bomfim**

Desde 2010, os noticiários exibem novos dados sobre a população brasileira. Num dia é a taxa média de filhos por mulher, no outro são detalhes sobre os brasileiros que vivem no exterior. Informações como essas continuarão a ser divulgadas até o fim de 2012 e são resultado do Censo Demográfico de 2010, um levantamento sobre as condições de vida no Brasil realizado a cada dez anos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ele é feito por pesquisadores, em todos os domicílios do país. Como o Brasil tem a quinta maior população mundial e o quinto território mais extenso, trata-se de uma empreitada realmente notável.

Aos poucos, o instituto contabiliza e divulga pormenores da sociedade brasileira, como os níveis de renda e miséria, trabalho e compra de bens de consumo, acesso à água tratada e à rede de esgoto, educação e mesmo opções religiosas. Esse conjunto de dados é um retrato detalhado do país, e sua análise permite saber em quais aspectos o Brasil progrediu, em quais ainda está atrasado – e também identificar tendências para os próximos anos. Com base nelas, os poderes públicos podem elaborar políticas prioritárias, que atendam às necessidades da população, e estabelecer recursos.

A maioria dos países faz censo, quase sempre decenal. Em 2010, houve censo também nos Estados Unidos, Índia e na China, entre outras nações.

PREVENÇÃO **Idosos aguardam a vacinação contra a gripe, em São Paulo: os avanços da medicina estendem a longevidade**

NILTON FUKUDA/AE

Famílias com menos filhos

O número de filhos a que as mulheres dão à luz no Brasil está diminuindo. Essa redução desacelera o crescimento da população e é um exemplo de mudança considerável para o planejamento de políticas públicas. O recuo do número de filhos, medido pela taxa de fecundidade, é resultado de mudanças socioculturais ocorridas, sobretudo, na segunda metade do século XX, como a disseminação do uso e de métodos contraceptivos (pílula anticoncepcional e preservativos, principalmente), e do maior ingresso da mulher no mercado de trabalho, que reduz seu tempo disponível para se dedicar a eles.

A intensificação do processo de urbanização também é um fator importante, pois o custo de vida nas cidades é mais elevado que no campo, e, consequentemente, acaba saindo caro sustentar uma família grande na cidade.

Entre 2000 e 2010, a população brasileira cresceu uma média de 1,17% ao ano, enquanto na década de 1950 ela aumentava 2,99% anualmente. A principal razão dessa desaceleração é o declínio da taxa de fertilidade (ou fecundidade), ou seja, o número médio de filhos tidos por mulher em idade fértil. Nos últimos dez anos, a taxa de fertilidade foi de 1,86 filho por mulher – muito menor que os 6,2 filhos verificados em 1950. As maiores diminuições de 2000 para 2010 ocorreram justamente nas regiões menos desenvolvidas do país e nas quais as taxas ainda são as mais elevadas: no Nordeste, a taxa teve redução de 25,2%, mas a fertilidade ainda é de 2,01 filhos por mulher; no Norte, diminuiu 23,5% e baixou para 2,42.

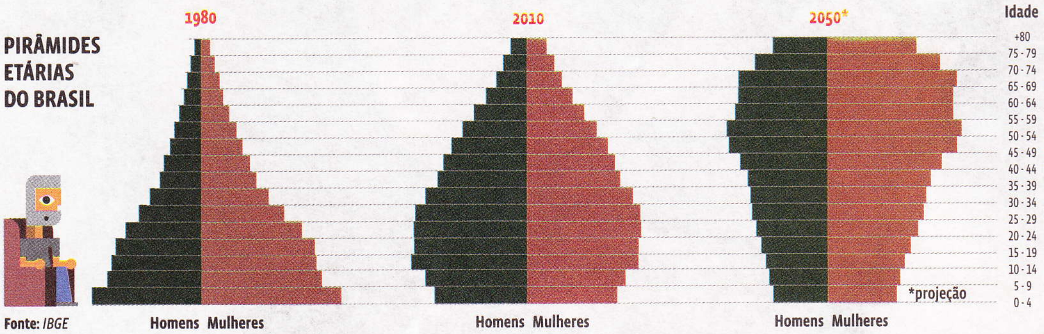
A Região Sudeste é a que apresentou a menor taxa de fertilidade, de 1,66 filho por mulher, e o Rio de Janeiro registrou a menor taxa do país, de 1,62 filho.

Além de terem menos filhos, as brasileiras estão engravidando mais tarde. Nestes dez anos, a concentração de mulheres grávidas no grupo de 15 a 19 anos caiu 5,8% e no grupo de 20 a 24 anos diminuiu 7,8%. Já no grupo de mulheres com idade acima de 30 anos, a proporção de grávidas é de 31,3%, número 13,4% maior que o da década anterior.

A demografia considera que a taxa de fertilidade necessária para apenas manter estabilizada uma população é de 2,1 filhos. Isso porque cada par de adultos estaria gerando seus dois sucessores, e a parcela residual está ligada a fatores como a mortalidade infantil, adultos que não têm filhos, entre outros motivos.

O PAÍS ESTÁ FICANDO MAIS VELHO

PIRÂMIDES ETÁRIAS DO BRASIL



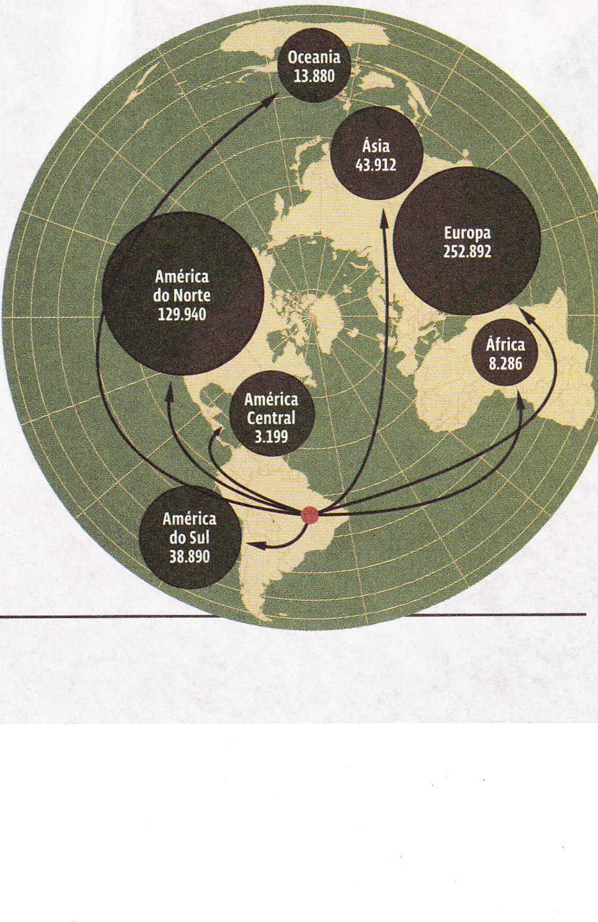
Fonte: *IBGE*

ENVELHECIMENTO *O gráfico mostra a evolução da estrutura da pirâmide etária brasileira nos últimos 30 anos, e sua projeção para os próximos 40. O estreitamento da base é resultado do progressivo declínio do número médio de filhos por mulher, a taxa de fertilidade. Já o alargamento do topo da pirâmide é provocado pelo aumento da expectativa de vida.*

BRASILEIROS NO EXTERIOR

Distribuição dos emigrados por região e principais países, em número

NO EXÍLIO *Há quase 500 mil brasileiros fora do país, morando em outros países das Américas, África, Ásia, Europa e Oceania, segundo apurado pelo censo com familiares que residem aqui. Porém, de acordo com o Ministério de Relações Exteriores do Brasil, são cerca de 3 milhões.*



OS DEZ MAIORES ANFITRIÕES

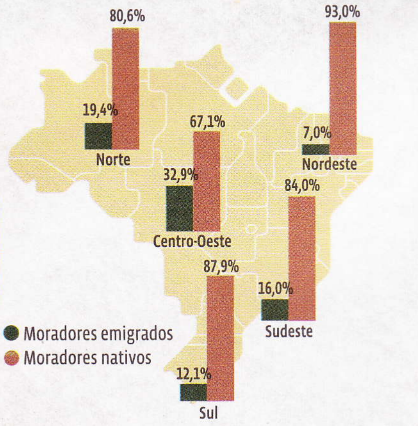
Em número de pessoas, em 2010

Estados Unidos	117.104
Portugal	65.969
Espanha	46.330
Japão	36.202
Itália	34.652
Reino Unido	32.270
França	17.743
Alemanha	16.637
Suíça	12.120
Austrália	10.836

Fontes: *IBGE/Censo de 2010*

MIGRAÇÃO INTERNA NO BRASIL

Moradores nativos e emigrados, em % por região do país



NOVAS FRONTEIRAS *Note que o mapa traz 100% da população de cada região. As menores quantidades de moradores nativos estão nas regiões menos populosas – Centro-Oeste e Norte – que atualmente atraem migrantes.*

Fonte: *IBGE*

MAURICIO LIMA/AFP

POUCOS FILHOS Moradores de Mocajuba, no Pará, esperam barco: em todo o Brasil, as famílias estão menores

O fato de a taxa de fertilidade atual, de 1,8 filho por mulher, ser inferior à necessária para a reposição da população não implica estagnação do crescimento, porque existe larga faixa da população em plena idade reprodutiva. Como são mais de 50 milhões de mulheres com idade entre 15 e 49 anos, que representam aproximadamente 55% do total de mulheres do país, ocorrem mais nascimentos do que mortes – uma vez que a expectativa de vida está aumentando. Porém, se for mantido o atual ritmo de natalidade, daqui a 20 anos a população brasileira deve parar de crescer, segundo o IBGE.

Menos crianças, mais idosos

Combinada com o aumento da expectativa de vida do brasileiro, a queda na taxa de fertilidade altera expressivamente a estrutura etária da população. A expectativa de vida (também chamada esperança de vida) é o tempo estimado de vida para uma pessoa nascida em determinado ano. Em 2010, de acordo com o IBGE, ela era de 73,5 anos. São 3,5 anos a mais que o apontado pelo censo anterior.

Há grande disparidade entre a expectativa de vida masculina e a feminina. As mulheres vivem, em média, 77,3 anos e os homens, 69,7. Também existem diferenças acentuadas entre os estados. Santa Catarina e o Distrito Federal registraram a maior expectativa média de vida, de 75,8 anos, enquanto Alagoas registrou a menor, de 67,6 anos.

Muitos fatores contribuem para o aumento da longevidade dos brasileiros, como maior acesso à água potável e à rede de esgoto, ampliação da renda e da alimentação (melhor nutrição), maior acesso a serviços de saúde, campanhas de vacinação e de prevenção de doenças, além dos avanços da medicina e do aumento da escolaridade e do acesso à informação.

O gráfico de faixas etárias de um país, habitualmente chamado de pirâmide etária, está passando por uma rápida transformação no Brasil (*veja o gráfico na pág. ao lado*). Como estão nascendo menos crianças, a base da pirâmide etária diminui a cada ano, e, como as pessoas vêm vivendo por mais tempo, o topo está se alargando, invertendo a pirâmide. A representatividade de todos os grupos etários com idade até 25 anos caiu na última década, e os demais grupos etários aumentaram sua presença. A participação relativa da população com 65 anos ou mais subiu de 5,9% em 2000 para 7,4% em 2010. Com uma menor proporção de crianças e uma maior participação de idosos na população total, ocorre um envelhecimento progressivo da população.

Esse envelhecimento traz novos desafios ao país. De acordo com relatório do Banco Mundial divulgado no fim de 2010, o cenário populacional brasileiro evolui com uma diferença significativa do modo como ocorreu nos países desenvolvidos. Eles teriam enriquecido mais depressa do que envelheceram. Na avaliação do Banco Mundial, o Brasil está envelhecendo mais rapidamente do que enriquece e distribui a riqueza. Estima-se que, em 2050, mais de 19% da população brasileira tenha mais de 65 anos. Em níveis federal e estaduais, os governos deverão planejar-se para dar conta de despesas maiores com aposentadorias, pensões e atendimento à saúde.

Do ponto de vista social e urbano, as adequações a essas mudanças já estão acontecendo, como as reservas de vagas de estacionamento para idosos (que não existiam no passado), rebaixamento de guias para acesso de cadeira de rodas, pacotes diferenciados de medicamentos para idosos, entre outras medidas.

Menos desigual

A distribuição da renda no Brasil está melhorando, embora a desigualdade ainda seja uma das mais altas do mundo. Em 2010, a parcela dos 10% de brasileiros mais ricos ficou com 44,5% da renda nacional, contra apenas 1,1% da renda conquistada pelos 10% mais pobres. A metade mais pobre dos brasileiros ficou com somente 17,7% da renda total. Porém, o censo revela que os rendimentos aumentaram em todas as

ROBERTO SETTON

DE VOLTA Depois de anos no Japão, o brasileiro Sérgio Shida volta ao Brasil em razão da crise econômica

Segundo o censo, a renda aumentou em todas as classes sociais, e a desigualdade diminuiu

classes e a desigualdade foi reduzida. A população que não apresentava nenhuma renda diminuiu de 9,15% para 4,27% em dez anos. A renda dos 20% mais ricos era 24 vezes maior que a dos 20% mais pobres, em 2001, e caiu para 17,8 vezes, segundo o IBGE.

Evolução do Índice de Gini

Essa evolução positiva também aparece no Índice de Gini, que mede a concentração de renda e a desigualdade em níveis mundiais. Trata-se de uma escala de zero a 1, em que zero é a distribuição perfeita da renda e 1 seria a concentração total da renda em uma única pessoa. Em 2004, o índice era de 0,559 e, em 2010, foi de 0,526. Ainda assim, o país tem um dos piores índices do mundo: está em 124º lugar num ranking de 136 países.

O censo apurou que a média nacional de rendimento domiciliar mensal per capita (ou seja, a renda total de cada domicílio dividida pelo número de moradores no mês) era de 668 reais em 2010. A faixa de brasileiros cuja renda era menor que meio salário mínimo reunia 32% da população e havia 60% de brasileiros com renda menor que um salário mínimo (o valor, na época, era de 510 reais).

A desigualdade de renda, que ainda persiste, está relacionada ao local de moradia (se é área rural ou urbana), ao tamanho do município, à região do país, à cor/raça e ao sexo, entre outras variáveis. Enquanto metade da população rural tinha renda domiciliar per capita abaixo de 170 reais mensais, a mesma porcentagem da população urbana ganhava até 415 reais ao mês, menos de um salário mínimo.

Quando se considera o tamanho dos municípios, a incidência de pobreza é maior nas cidades de porte médio (10 mil a 50 mil habitantes). Em termos de regiões, o Centro-Oeste, o Sudeste e o Sul tinham as mais altas médias de rendimento mensais: respectivamente, 1.422 reais, 1.396 reais e 1.282 reais. As piores médias foram encontradas no Norte (957 reais) e no Nordeste (806 reais). Para efeito de comparação, a média verificada no Nordeste corresponde a 56,7% da encontrada no Centro-Oeste.

Quanto às diferenças por sexo, em 2010 uma mulher recebia, em média, 70% da renda de um homem (984 reais contra 1.395 reais). Metade dos homens ganhava até 765 reais, enquanto metade das mulheres recebia até 510 reais. É uma diferença significativa, mas já foi pior. Dez anos antes, a mulher ganhava em média 46% da renda do homem. A desigualdade relacionada à cor da pele também está diminuindo. O Censo de 2000 mostrava que a renda de um brasileiro que se declarava pardo representava 42% da média de um branco – e aumentou para 49% em 2010. Já a renda dos que se diziam pretos em relação à renda dos brancos aumentou de 45% para 54%. Nesse ano, os rendimentos médios mensais dos brancos eram de 1 538 reais. Os pretos recebiam 834 reais, os pardos, 845 reais, e os indígenas, 735 reais.

Mudanças em migrações

Um olhar atento aos dados sobre a população de cada um dos estados revela importantes tendências no que diz respeito aos fluxos migratórios internos. A população brasileira está concentrada em três estados do Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais), onde vivem mais de 80 milhões de habitantes – 42% do número total.

As regiões Norte e Centro-Oeste são as menos povoadas, com cerca de 16 milhões e 14 milhões de habitantes, respectivamente. No entanto, são as que apresentaram as maiores taxas de crescimento nos últimos dez anos: 23% para a Região Norte e 21% para a Centro-Oeste.

No Amapá, o aumento foi de mais de 40%, em Roraima ficou em torno dos 39% e no Acre, acima dos 31%. A explicação para esse boom populacional é a migração interna. O cerrado e a floresta Amazônica abrigam as fronteiras agrícolas do país, que atraem brasileiros do Sul e do Sudeste. Isso indica que o fluxo de migração interna, que historicamente ocorria das regiões menos povoadas para as grandes cidades industrializadas, está se alterando. No país todo, 14,5% dos habitantes não moram no estado de origem. Nas regiões Centro-Oeste e Norte, onde estão as fronteiras agrícolas, essa proporção é bem maior: de 32,9% e 19,4%, respectivamente.

Segundo estudo publicado pelo IBGE em 2011, comparando dados do Censo de 2010 com dados anteriores, o Centro-Oeste é a região brasileira que mais retém imigrantes. Entre 2004 e 2009, recebeu 418 mil imigrantes, enquanto 281 mil emigraram de lá, gerando um saldo de 137 mil

Saiu na imprensa

MAIOR LONGEVIDADE DO BRASILEIRO REDUZ APOSENTADORIA

Por Marta Watanabe

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou nesta quinta-feira os dados que deverão ser utilizados pela Previdência Social para o cálculo do chamado Fator Previdenciário, espécie de índice que deve ser multiplicado ao salário de referência para cálculo da aposentadoria. Quanto maior a expectativa de vida, menor o fator e menor o benefício inicial a ser recebido pelo trabalhador que se aposenta.

Um trabalhador com 55 anos de idade e 35 anos de contribuição à Previdência que se aposentar em dezembro deste ano, por exemplo, receberá um benefício 0,8% menor do que um homem que, nas mesmas condições, se aposentou em dezembro do ano passado. (...)

Os cálculos são de Newton Conde, atuário especializado em previdência e sócio da Conde Consultoria Atuarial Ltda. (...)

Desde 2000, diz Conde, com o aumento da expectativa de vida, o trabalhador tem sofrido, a cada ano, o impacto de um fator previdenciário cada vez menor. Como resultado, houve redução gradativa do valor da aposentadoria. (...)

O atuário lembra que a partir de dezembro do ano que vem o fator previdenciário deve incorporar a longevidade do brasileiro baseada nos dados do Censo de 2010. (...)

Valor Econômico, 1º/12/2011

pessoas. Em números absolutos, o Sudeste permanece como a região que mais recebe imigrantes – 656 mil entre 2004 e 2009 –, mas a localidade contabilizou 669 mil emigrantes no mesmo período, tendo saldo levemente negativo – uma situação que caracteriza equilíbrio. O Nordeste ainda perde mais migrantes do que recebe. Entre 2004 e 2009, o saldo foi negativo em 188 mil habitantes. Mas o número é muito inferior aos 764 mil registrados no período entre 1995 e 2000. Isso mostra que os estados nordestinos têm conseguido reter mais sua população, principalmente nas regiões litorâneas e nas capitais, diferentemente de épocas passadas. Na região, 93% da população reside no estado natal, a maior porcentagem de residentes nativos entre todas as regiões.

Esse aspecto comprova que a intensificação dos movimentos dentro dos próprios estados e regiões é uma mudança recente das correntes migratórias.

De 2000 a 2010, as cidades médias – municípios entre 100 mil e 500 mil habitantes – são as que mais cresceram, apresentando taxas anuais de expansão superiores a 3%. Com o dinamismo econômico em regiões antes menos desenvolvidas, resultante da desconcentração industrial nos grandes centros urbanos, uma parcela da população deixou de migrar para as metrópoles do Sudeste e Sul.

Emigrantes

Além de divulgar dados sobre o deslocamento de pessoas dentro do território nacional, o censo apurou informações sobre os brasileiros que ultrapassaram as fronteiras e foram morar no exterior. São 491.645 brasileiros vivendo em 193 países. É possível traçar o principal perfil do emigrante: mulher, jovem, proveniente da Região Sudeste. Isso porque o IBGE mostra que 53,8% são mulheres, 60% têm entre 20 e 34 anos e 49% saíram do Sudeste, principalmente São Paulo (21,6% do total) e Minas Gerais (16,8% do total).

A maioria – cerca de um quarto do total – escolheu os Estados Unidos como destino, incluindo muitos mineiros. Dos emigrantes brasileiros que vão para os EUA, mais de 40% são de Minas Gerais. Portugal, Espanha, Japão e Itália também são países procurados.

Foi a primeira vez que o censo levantou dados sobre emigração e há controvérsia sobre essa apuração, porque ela só leva em conta os emigrantes que têm família residente no Brasil. Domicílios em que todas as pessoas migraram ou emigrantes cujos familiares que ficaram no Brasil tenham morrido não foram considerados. Pela conta do Ministério das Relações Exteriores, há cerca de 3 milhões de brasileiros morando em outros países, número seis vezes maior. ☒

Resumo

Censo de 2010

MENOS FILHOS De acordo com o Censo de 2010, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de fertilidade (número médio de filhos por mulher) brasileira vem caindo nas últimas décadas. Em 2010, foi de 1,86, muito inferior aos 6,2 filhos por mulher registrados em 1950. A consequência desse declínio, causado por fatores como o desenvolvimento de métodos contraceptivos, a urbanização e o ingresso da mulher no mercado de trabalho, é a diminuição do ritmo de crescimento da população.

MAIS IDOSOS Combinada com o aumento da expectativa de vida (anos de vida estimados para uma pessoa nascida em determinado ano), a taxa de fecundidade provoca o envelhecimento progressivo da população. Esses indicadores alteram a estrutura da pirâmide etária brasileira. Com menos crianças nascendo, a base da pirâmide diminui, e, com as pessoas vivendo por mais tempo, o topo é ampliado.

DESIGUALDADE A concentração de renda no Brasil é uma das mais altas do mundo. Nos últimos anos, porém, os rendimentos aumentaram em todas as classes, e a disparidade entre elas diminuiu. Ainda assim, a desigualdade persiste: o rendimento é maior em áreas urbanas, com relação às rurais, pretos ganham menos que brancos e mulheres recebem menos que homens.

MIGRAÇÃO INTERNA As tendências históricas de migrações internas estão mudando. No passado, as grandes cidades industrializadas atraíram habitantes de regiões menos povoadas. Hoje, Centro-Oeste e Norte, áreas que abrigam as fronteiras agrícolas do país, no cerrado e na floresta Amazônica, atraem brasileiros do Sul e do Sudeste.

EMIGRAÇÃO Cerca de 3 milhões de brasileiros vivem no exterior. Mas o censo apurou dados apenas sobre 491.645 desses brasileiros, entrevistando os familiares que moram no Brasil. O principal perfil do emigrante é de mulheres, entre 20 e 34 anos, que partem do Sudeste. O destino preferido são os Estados Unidos.